



CENTRO DE HUMANIDADES-GUARABIRA-CAMPUS III

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

JOÃO FABRÍCIO FILHO

**REFLEXÕES SOBRE O ENTERRAMENTO DE CRIANÇAS (PAGÃS) EM  
ENCRUZILHADAS: no Município de Riachão do Poço - PB**

GUARABIRA-PB

2017

**JOÃO FABRÍCIO FILHO**

**REFLEXÕES SOBRE O ENTERRAMENTO DE CRIANÇAS (PAGÃS) EM  
ENCRUZILHADAS: no Município de Riachão do Poço - PB**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciado.

Área de Concentração:

Orientadora: Ms. Naiara Feraz B. Alves

Guarabira – PB

2017

F234r Fabício Filho, João

Reflexões sobre o enterramento de crianças (pagãs) em encruzilhadas: [manuscrito] : no município de Riachão do Poço - PB / Joao Fabrício Filho. - 2017.

28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação: Naiara Ferraz Bandeira Alves, Departamento de História".

1. Imaginário da Morte . 2. Crianças Pagãs. 3. Encruzilhada.  
I. Título.

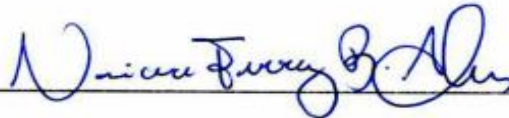
21. ed. CDD 320

JOÃO FABRÍCIO FILHO

**REFLEXÕES SOBRE O ENTERRAMENTO DE CRIANÇAS (PAGÃS) EM  
ENCRUZILHADAS: no Município de Riachão do Poço**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba-Campus III, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado.

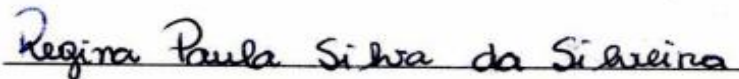
Aprovado em: 13/04/2017



Prof<sup>ª</sup>. Ms. Naiara Ferraz Bandeira Alves (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr<sup>ª</sup>. Simone da Silva Costa  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof<sup>ª</sup>. Ms Regina Paula Silva da Silveira  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu Pai, João Fabrício (in-memorian),  
minha mãe, Maria Gonçalves (dona  
nega), ao meu irmão Ricardo e em  
especial a minha esposa Maria das  
Neves, pela paciência e compreensão.

## **AGRADECIMENTOS**

Todo trabalho é um minúsculo retalho entre muitos, que vão se juntando até se chegar ao objetivo final, e esse objetivo final não seria possível e sem a ajuda de muitos, não conseguiríamos obter o resultados algum. Quero aqui agradecer de coração a todos que diretamente ou indiretamente contribuíram para a finalização desse trabalho.

Tenho que descrever que tudo que acontece em nossas vidas, não é em vão, essa é apenas uma de muitas outras batalhas que viram pela frente e sempre com honestidade e humildade vencerei.

Seria de uma ingratidão imensa de minha parte não mencionar as pessoas maravilhosas que me deram forças nos momentos mais difíceis durante essa trajetória, estando sempre ao meu lado, me dando todo o apoio necessário para continuar a caminhada. Primeiramente agradeço imensamente aos meus pais, João Fabrício (in-memorian), Maria Gonçalves Fabrício (dona Nega), meu irmão Ricardo Gonçalves, e em especial a minha esposa, companheira e por que não dizer uma guerreira, pois estava lá sempre ao meu lado nas horas mais difíceis, Maria das Neves Nunes Fabrício. Muito obrigado!

Quero agradecer imensamente aos meus professores por me acompanharem neste processo e a todos os meus amigos da turma 2012.2.

“Não era justo considerar um inocente de pecador, se ele nem conseguiu ver o mundo”, (Dona Maria Eurico da Silva)

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2. IMAGINÁRIO DA MORTE.....</b>	<b>11</b>
<b>2.1. O Significado de ser pagão.....</b>	<b>14</b>
<b>2.2. O Significado de ser Enterrado em Encruzilhada.....</b>	<b>16</b>
<b>3. REFLEXÕES SOBRE OS RELATOS DOS POPULARES.....</b>	<b>18</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>25</b>
<b>5. REFERÊNCIA.....</b>	<b>28</b>



## **REFLEXÕES SOBRE O ENTERRAMENTO DE CRIANÇAS (PAGÃS) EM ENCRUZILHADAS: tradição oral no Município de Riachão do Poço-PB**

João Fabrício Filho<sup>1</sup>

**RESUMO:** O artigo realiza uma reflexão histórico-descritiva sobre uma prática religiosa presente no município de Riachão do Poço- PB, os enterramentos infantis em encruzilhadas que a partir de determinado momento se tornou um local específico e especial para o sepultamento de crianças pagãs, tornando-se comum entre os anos de 1960 -1985. Analisando entrevistas realizadas com populares detentores do conhecimento sobre a prática em questão, aliado a pesquisa bibliográfica percebemos que a encruzilhada dos pagãos, reflete as principais características da prática religiosa brasileira ao simbolizar a presença do sincretismo e a permanência de práticas católicas vinculadas ao século XIX e utilizadas ao longo de todo o século XX.

**Palavras-chave:** Enterramentos; Crianças; Encruzilhada.

### **1- INTRODUÇÃO**

Busco compreender a influência das transformações culturais ao longo do tempo. Aos sete anos de idade, por volta dos anos de oitenta e cinco buscava entender um contexto indecifrável sobre algo estranho e ao mesmo tempo curioso, meu pai confeccionava caixões pequeninos no meio da sala de minha casa com tábuas de caixas de peixes, recobria aquele caixãozinho com a cor azul e lilás, azul para meninos e lilás para meninas, e pregavam em suas laterais imagens de anjos forjados em cobre, sem entender do que se tratava, achava o máximo a tarefa designada para mim de pregar as imagens nas laterais, e depois de todo o processo pronto ouvia de meu pai a seguinte frase “mais um anjinho que vai morar no céu”, esta frase pendurou por toda minha infância e adolescência.

---

<sup>1</sup> Aluno do Curso de Licenciatura Plena em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.

Minha pesquisa busca compreender dos significados que envolvem os funerais de crianças denominadas de pagãs<sup>2</sup>, para tanto, realizei leituras a cerca do assunto, como também juntei informações através de relatos orais de populares residentes nas localidades e só assim consegui obter margem, confrontando-as para ter uma melhor compreensão sobre o assunto, entre os autores consultados estão: CASCUDO (1898-1986); REIS (1991); ARIÈS(2003); MEIHY (2007). Realizamos uma pré-seleção de entrevistados, como critério foram selecionadas pessoas com idade superior a sessenta anos, que estiveram de certa forma, envolvidas diretamente ou indiretamente no evento estudado (pudessem relatar sobre a prática dos enterramentos de pagãos) e que ainda hoje moram na própria comunidade:

A História de experiências é para o historiador uma possibilidade de nos aproximarmos empiricamente de algo como o “significado da história dentro da história” e permite questionar de modo crítico a aplicação de teorias macrossociológicas sobre o passado. A capacidade de a entrevista contradizer generalizações sobre o passado amplia, pois, a percepção histórica – e nesse sentido permite a “mudança de perspectiva”(ALBERTI, 2011, p.166).

Assim, por natureza, a história oral temática é sempre de caráter social e nela as entrevistas não se sustentam sozinhas ou em versões únicas. Decorrência natural de sua existência, a história oral temática pura deve promover debates com redes capazes de nutrir opiniões diversas Meihy (2007), diante deste cenário revelador através da tradição de se passar conhecimentos adiante.

Ao sul do Município de Riachão do Poço - PB, mas precisamente entre os limites de dois Sítios denominados de Primavera e Lagoa do Padre, existe um encontro de dois caminhos, ficando conhecido como a “encruzilhada dos pagãos”, servindo por muito tempo como cemitério de crianças natimortos ou que não receberam a consagração do sagrado batismo em vida.

Diante deste panorama social na tradição oral, o sepultamento de crianças pagãs tornou-se uma das expressões mais reveladoras da cultura local sincrética enarradas entre os membros dessas comunidades. Os fatos narrados nos possibilitam a termos reflexões sobre esse universo rural, diante da morte infantil

---

<sup>2</sup> Segundo ANDERSON (1998): Pagão, vem do termo em Latim *Paganus* (camponês) e faz referência aos povos germânicos que mantinham suas práticas religiosas, na Europa, mesmo com a presença marcante da Igreja Católica durante o período Medieval. No caso de nosso texto, as crianças não batizadas no Cristianismo são denominadas de pagãs.

de outrora e principalmente desvendar os significados e as práticas que recobriam a singularidade envolvida nesses enterros na “encruzilhada dos pagãos”.

O que para alguns representa o local do padecimento dos inocentes, local de descanso das crianças, sendo construídas narrativas diversas acerca desse espaço, recoberto de muitos mistérios, ao mesmo tempo, tornando-se uma espécie de monumento no imaginário popular evidenciando esse espaço como local de respeito ao que acreditam, uma memória cultuada à qual pode ser atribuído bênçãos ou malefícios, a depender da crença dos transeuntes.

A tradição oral estudada, o sepultamento de crianças em encruzilhadas nos ajuda a entender esse universo da fé popular, cercado de histórias embasadas em uma fé católica(brasileira) ressignificada incontestável para esse povo, quediante deste universo fúnebre de crianças que não receberam o sacramento do batismo em vida tentava amenizar os possíveis sofrimentos das almas no espaço que havia sido lhes destinado: o limbo<sup>3</sup>.

Percebemos, ainda, que a historiografia nos ajuda a fazer o percurso pelas permanências e rupturas ocorridas em relação aos rituais fúnebres e ao ato de morrer que vão criando aceção em torno da morte. Segundo João José Reis (1991) no século XIX as pessoas passaram a se preocupar em ter uma boa morte fazendo com que as atitudes diante da morte e dos mortos com relação a salvação da alma fazendo com as pessoas se utilizassem de ritos e cerimônias que proporcionassem ao morto uma boa vida no outro mundo.

A nossa metodologia pautou-se em entrevistas e questionários, sendo aplicados com pessoas maiores de sessenta anos que residiam próximos a comunidade onde a pesquisa se desenvolveu, levando-se em consideração suas experiências de vida.

---

<sup>3</sup> Na religião católica, o limbo consiste em um lugar para onde iam as crianças que morriam sem terem sido batizadas. De acordo com uma antiga doutrina da Igreja católica estas crianças não iam para o céu porque não possuíam graça batismal, mas também não iam para o Inferno porque não tinham pecado pessoal. O conceito de limbo só surgiu a partir do século XIII, sendo que antes disso, algumas figuras da Igreja Católica, como Santo Agostinho afirmavam que tais crianças iam para o inferno. Na Idade Média, a expressão *limbus infantum* se referia às crianças, enquanto a *limbus patrum* era referente aos santos que tinham nascido antes de Cristo. Apesar de nunca realmente ter sido considerado um dogma da igreja, o limbo foi abolido em 2007. Atualmente, a igreja católica tem uma posição semelhante a denominações evangélicas, que afirmam que as crianças que morrem antes de chegarem à idade da razão vão para o Céu.

## 2. O IMAGINÁRIO DA MORTE

Em um primeiro momento busquei respostas às questões pertinentes envolvidas em muitos mistérios e temores a cerca da morte no imaginário<sup>4</sup> popular, dentro da tradição Católica. Para os cristãos a morte é uma interpretação da vida já que desde o nascer se considera o morrer (suas várias formas), recoberto de rituais e temores em busca de uma *boa morte* passada de geração em geração a qual foi se perpetuando ao longo de muito tempo, sendo inserindo-se ou perdendo alguns significados.

Segundo essa tradição, a morte tem significados marcantes na vida de um indivíduo, e tudo que ele faz durante a vida conta para seu julgamento final, por tanto, se traduz bem os cuidados com os destinos de quem não os cumpre em vida, nas narrativas sobre esse assunto são encontrados vestígios de uma cultura revestida das crenças antepassadas, vinda da mistura entre Portugueses, Índios e Africanos que aqui chegaram há muito tempo, e, diante dessa mistura de conhecimentos praticas e explicações, surgem vários discursos que dentre outras tantas coisa explicava e ainda explica a morte.

As explicações acerca da morte no imaginário dessa gente interiorana restringem-se aos cuidados com a alma de quem está próximo de partir para o outro mundo, pois a salvação do purgatório depende de seus atos em vida e paz dos vivos, segundo ALENCASTRO (2007), se a morte era tida como uma passagem, motivo por que a ideia de deslocamento espacial e viagem estavam sobremaneira presente nos ritos que a cercavam. As cerimônias e a simbologia que envolvia a morte eram produzidas para promover uma boa viagem para o outro mundo. Cujá distância deste, era consideravelmente menor que hoje. O tratamento dado ao morto visava integrá-lo o mais breve possível em seu lugar, para seu próprio bem e a paz dos vivos.

Por tanto essa perspectiva da morte como uma viagem que definiria o espaço a ser ocupado no além, está ligado a todos os momentos durante a vida dos indivíduos, e a cada passo dado por ele durante toda sua vida, cada ato praticado

---

<sup>4</sup> Imaginário: "um conjunto de produções, mentais ou materializadas em obras, com base em imagens visuais (quadro, desenho, fotografia) e linguísticas (metáfora, símbolo, relato), formando conjuntos coerentes e dinâmicos, referentes a uma função simbólica no sentido de um ajuste de sentidos próprios e figurados." (WUNENBURGER, 2007, p.11)

em vida conta como peso para sua salvação ou condenação no dia do julgamento final perante Deus, servindo como prova em seu favor.

Dessa forma, o destino daqueles que se encontravam próximos de partir poderia ser avaliado, ainda, em vida, (moribundo), no leito de sua morte observando-se, entre outras coisas, a quantidade de gente que os visitavam, amigos, vizinhos e todos que o conheciam. O choro dos presentes e até mesmos os comentários feitos ao seu favor por estranhos, o que definiam as virtudes ou não do falecido em vida, tradição que perpassou os séculos XVI ao XX, como confirma a entrevistada Dona Severina Cecília:

As famias que tinham dinheiro chamava o padre e muitos iam só pra cumprir seu dever de cristão, mais era todo mundo mudo ninguém falava nada no velório, a noite aparecia poucas pessoas pra velar o corpo e mesmo assim não demoravam, ai a gente sabiam que esse difunto não era uma pessoa boa, por que nem no seu interro as pessoa ia com boa vontade, só ia pra cumprir seu dever de cristão, (Severina Cecília)<sup>5</sup>.

Diante desse relato, podemos observar que existe uma predefinição sobre a qualidade do defunto a partir de suas condutas em vida, e ao mesmo tempo formular um pré-julgamento atrelado ao cumprimento, ou não, de seus deveres de bom cristão praticados em vida. Constatamos, portanto, que a índole do sujeito passa por várias aprovações, entre elas a política da boa vizinhança, caso contrário ele não teria uma boa passagem e mais uma vez dependeria, ainda, mais dos vivos para diminuir a sua penitência.

A morte, em si, era um momento de reparação moral, pois era necessário quitar todos os seus débitos, se tinha dinheiro escondido teriam que revelar onde encontrava-se, perdoar todos os seus inimigos, e jamais se poderia morrer devendo promessa há algum santo sem que se comentasse aos familiares antes de sua morte, pois se morresse e não pagasse sua(s) promessa (s), os santos não interviam junto a Deus por sua salvação, claro que ninguém queria passar a eternidadeno purgatório, se estivesse em dia com suas obrigações com o sagrado.

Segundo ALENCASTRO (1997), os santos não perdoavam facilmente o calote dos mortos. Era muito perigoso morrer devendo-lhes promessas, pois assim lesados podiam se abster de qualquer intervenção em favor do morto durante o

---

<sup>5</sup> Narrativa de Severina Cecília de Oliveira. 75 anos. Agricultora. Entrevista realizada em novembro de 2016

juízo da alma, o que se observa nesse registro, torna-se claro e evidente que esses cuidados não eram resumidos só a pessoas de posses,

As famílias tinham o maior cuidado quando morria alguém, cuidava logo de vê se o difunto devia alguém, ou tava devendo promessa pra algum santo de sua devoção, poi dever promessa era um pecado grande, e também tomava cuidado pra não interrar o difunto com dente de ouro, anel o cordão, pois se ele fosse interrado ele votava prá pedir a família pra tirar esses objetos do coipo dele, quando os homens saiam levando o coipo na rede procimitéro a família já ficava preocupada então so restava rezar pela aíma do difunto e pidi a Deus sua saivação, (Maria Eurico)<sup>6</sup>.

Definir esses padrões de devoção não é tarefa fácil, pois nesse imaginário fantasmal, onde existem regras para tudo até mesmo para se morrer bem, podemos definir o conceito da fé existente no imaginário fértil dos populares, e os cuidados em não contrariar suas santidades, que em alguns momentos eram retratados em generosidades, e, ao mesmo tempo ter em mente o temor de ser repreendido por tal ato não cumprido.

Essa contradição evidenciava um entendimento incoerente com a norma da Igreja Católica, contudo bastante predominante entre os populares nas formas dessa gente entender ou interpretar a fé cristã. Praticada com fervor ao que eles consideram sagrado, sendo interpretada aos seus modos de entendimento, ganhando significados e ditando praticamente todos os passos a se seguir, e nesse entendimento não conseguem observar algumas contradições no que diz respeito às regras lhes impostas, notamos as fortes divergências nesse imaginário, entre adorar o seu santo protetor e ao mesmo tempo temer suas punições por desobediência ou o não cumprimento de algo, por exemplo, as promessas. Desta forma podemos comparar os tratamentos dados às crianças mortas sem batismo, ao medo de que aquele ente venha lhe assombrar pelo não cumprimento de ações que pudessem salvar a alma.

.

## **2.1 – O significado dos pagãos**

A definição de pagão, segundo a tradição cristã, permanece a mesma desde a chegada dos primeiros colonizadores portugueses no Brasil. Tradição, esta, imposta aos primeiros habitantes nesta terra, os índios que já povoavam as terras

---

<sup>6</sup> Narrativas de Maria Eurico da Silva. 78 anos. Agricultora. Entrevista realizada em Janeiro de 2017

*brasilis*. Mesmo depois das tentativas de catequizar esses povos eles não abandonaram suas crenças, logo depois os africanos foram forçados a participar desta povoação e, também, suas culturas religiosas foram incorporadas as práticas brasileiras. Com todas essas misturas surgiram várias interpretações através de um conhecimento próprio baseados em sua fé sobre a vida e os mistérios que a cercam, desde o nascer até o morrer e os cuidados com o destino da alma ou espírito, formando o Catolicismo popular.

O pagão segundo os entrevistados está diretamente relacionado ao fato de não ser batizado: “Se a criança não for batizada ela é pagão, é ela não é gente ,não tem o direito de entrar no céu. “, (Maria Eurico)<sup>7</sup>

Não se pode da supremacia dominante da fé cristã, que predominou todo esse período ditando as regras e punindo quem as descumprissem, desta forma, essas culturas no caso as indígenas e africanas, foram sendo misturadas a católica. Há uma forte permanência do sincretismo principalmente nas zonas rurais da região nordeste que resiste através dos tempos até hoje, sendo passada de geração em geração e que nunca se perderam por inteiro.

Nas narrativas coletadas procuramos encontrar respostas acerca desses ritos fúnebres envolvendo as crianças pagãs enterradas nas encruzilhadas. A ausência por parte da Igreja Católica contribuiu para essa formação religiosa e cultural de acrescentar outros elementos presentes nesse cotidiano de outras culturas, funcionando como uma forma de amenizar a dor da perda e também existindo mais razão para esperar que suas crianças tivessem a salvação, isto é, batizá-la na fé da Igreja e inseri-las visivelmente no corpo de cristo, e na esperança de salvação.

Essa tradição permanece nos modos impostos pela Igreja no tratamento dado aos que não eram considerados cristão, negros, Judeus, Índios, pelos simples fato de não terem recebidos o batismo, sendo assim, as crianças que nasciam mortas através de abortos espontâneos ou nasciam e logo em seguida morriam sem o primeiro sacramento, não fugiam a regra.

É conhecido que o ensinamento tradicional recorria à teoria do limbo<sup>8</sup>, entendido como estado no qual as almas das crianças que morrem sem o batismo

---

<sup>7</sup> Narrativas de Maria Eurico da Silva. 78 anos. Agricultora. Entrevista realizada em Janeiro de 2017

não mereciam o prêmio da visão celestial, por causa do pecado original, mas, também, não sofriam nenhuma punição, dado que não tinham cometido pecado pessoal, destinando aos pais a terrível experiência de uma grande dor e um sentimento de culpa, quando não tem a certeza moral da salvação de seus filhos, e as pessoas considerariam um equívoco muito grande de Deus, caso excluísse da felicidade eterna as crianças (natimortas), sejam elas cristãs ou não, pois essa era a sorte dadas a essas crianças, o “limbo” à qual a Igreja recorreu durante muitos séculos.

Nesse sentido, observam-se dentro deste universo popular sobre a compreensão das punições imposta as crianças pagãs até sua salvação definitiva dentro dos moldes e princípios do cristianismo, buscar respostas a essas perguntas dentro desse contexto popular significou mergulhar em um universo de interpretações, superstições e temores ao que se tem de mais sagrado em suas vidas, o que nesse caso, o cumprimento da fé católica incondicional, movendo suas vidas e ditando às regras a tudo.

## **. 2.2 – O significado de ser enterrado em uma encruzilhada**

Essa noção da cultura cristã nos fez ponderar que, por não poderem ser inumadas em solo sagrado no caso o cemitério, buscava-se alguma referência material no mundo terreno que rememorasse o simbolismo cristão ou ainda sua proteção, dessa forma, a encruzilhada evidenciava um dos mais fortes simbolismos do cristianismo: a cruz. Por tanto os encontros de duas estradas no interior são intituladas popularmente de encruzilhadas, eram tomadas como espaços esperançosos para essa finalidade, tornando-se esse espaço comparado ao sacrifício passado por Jesus Cristo em seu calvário, diante deste pensamento equiparam este espaço como símbolo sagrado e, portanto escolhido para o sepulcro final de suas crianças pagãs.

De acordo com essa tradição popular o sepultamento infantil nas encruzilhadas tem seus fundamentos em um entendimento popular no respeito ao sagrado, esta era a forma encontrada pelo homem do interior conduzido por um

---

<sup>8</sup> Limbo: surge como uma forma de amenizar as afirmações de Santo Agostinho, no século V, que afirmava que as crianças mortas sem batismo iam para o inferno, e, a partir do século XIII, começou a se falar do "limbo", como "o local no qual as crianças não batizadas estariam privadas da visão de Deus, mas não sofreriam, já que não o conheciam".



resquíio de uma fé decisiva, cercada de superstições e temores ao desconhecido ao improvável ou até mesmo ao irreal, se cercando de cuidados sobre o assunto, mais dentro deste universo do sagrado em lidar com o improvável, com os mistérios envolvendo a salvação, encontramos alguns vestígios de outras culturas afro-brasileira nesses rituais, quando uma criança nascia morta de imediato eram batizada, mesmo que simbolicamente por alguém da comunidade, o que sempre era um ancião, uma benzedeira, ou até mesmo a parteira, mas também havia uma espécie de pacto feito entre seus pais e o santo de sua proteção ou devoção,

Quando a criança murria, no mermo instante, tinha que se conseguir um padrinho, podia ser qualquer pessoa desde que fosse batrizada , rezava três vêi o pai nosso e depoi batriza, em nome do pai, do fie e do ispirito santo, amém, desta forma ele não assombrava ninguém, eu mesmo já batrizei muitos nos caminhos, não fai medo e só ter fé em Deus, mais quando se fai promessa pros bichinhos e não paga eles sofrem muito, esse tipo de gente não é pai né, (Maria Eurico da Silva)<sup>9</sup>.

Diante destes relatos observa-se que realmente selava-se através de promessa para que seu filho que não pode chegar ao mundo vivo uma boa passagem para o além, sendo assim, ter um recém nascido morto na família, representava um início de que no mundo dos mortos existiam entidades que estabeleciam sua proteção, pois “desse lugar velaria pelos pais na vida e na morte (REIS, 1997, p. 112), nessas reflexões do estudioso, encontramos um suporte explicativo, a interação ou não da criança com a materialidade do mundo terreno, por tanto a criança não batizada passou a receber socialmente o entendido de uma essência de anjo, e o pagão de não ter um tempo hábil em vida para receber o sacramento do batismo. Diante dessa condição imposta, só restava o triste carma de serem enterradas no local apropriado a estes fins, a encruzilhada, segundo essa tradição.

Em pesquisas realizadas com populares, conclui que ainda existem locais que despertam sentimentos entre os que presenciaram esses fatos testemunhando ali momentos tristes na perda de suas crianças que sucumbiram a um triste fim, mas que se mantém nesses locais um alento as suas lembranças, servindo como uma espécie de monumento à recordação e celebração da salvação de suas crianças pagãs.

---

<sup>9</sup> Narrativas de Maria Eurico da Silva. 78 anos. Agricultora. Entrevista realizada em Janeiro de 2017

Portando compreendemos que nesse mundo imaginário do homem do campo, vigora a capacidade de se identificar com suas crenças, não importando como se procede aos métodos, não interessando a ele se está certo ou errado, segundo os preceitos cristãos foi dessa forma que ele aprendeu a conduzir sua vida e seus costumes, sendo assim, essa fé também continuou inabalável durante todo esse tempo, permanecendo também seus costumes em suas crenças no que acham corretos no campo do sagrado.

Sepultar crianças em uma encruzilhada, pode não representar nada dentro do contexto atual, visto que há alguns relatos de viajantes estrangeiros (Franceses, Americanos e Ingleses) no século dezoito que apontavam um entendimento adverso sobre as práticas fúnebres de crianças no interior do Brasil, dessa forma interpretaram com um desprezo para o tratamento dado aos instantes finais de crianças falecidas, sabe-se que diante desses fatos, podemos observar que sepultar crianças nas encruzilhadas, busca seguir-se dentro desses entendimentos a melhor forma de amenizar um sofrimento, de culpa não só por parte das crianças, mais também por parte dos pais, que por intermédio de suas crenças aprenderam que só dessa forma conseguem cumprir os preceitos no que é sagrado, não fugindo as suas doutrinas católicas.

### **3. REFLEXÕES SOBRE OS RELATOS DOS POPULARES**

Segundo os relatos de dona Maria Eurico, observamos a permanência de resquícios de práticas realizadas no Brasil desde o século XVIII e que permaneceu ao longo do século XX:

Quando morria alguém conhecido na região vinha muita gente pra velar o corpo passava a noite intera rezando pela alma do falecido, encaminhando o corpo dela par o caminho certo, poi todo que ele fizesse de ruir aqui na terra ele tinha que perdi predão antes de morrer, pois se alguém morrer intrigado de alguém ela não se salva, fica assombrando a famia, e eisso é um sinal que ele não seguiu seu caminho como deveria ser, ele ta sofrendo e precisando de reza dos vivos,(Maria Eurico).<sup>10</sup>

Nos registros de Cascudo (2002,) observamos que na tradição da cultura fúnebre de outros tempos, relacionadas aos rituais envolvidos nos cortejos dos

---

<sup>10</sup> Narrativas de Maria Eurico da Silva. 78 anos. Agricultora. Entrevista realizada em Janeiro de 2017.

sepultamentos de crianças, há um entendimento, específico, sobre o temor da morte e os cuidados com a alma desses, pois, dos vivos dependiam o tempo de sua presença na terra e sua subida ao reino do céu.

Segundo Reis (1991), o “anjinho” era aquele que falecia após o sacramento do batismo. A morte posterior aliviava a passagem de sua alma pelo purgatório. Nesse rápido percurso, o “anjinho” esvaziava-se dos elementos terrenos, como por exemplo, o leite materno ingerido, pois segundo a tradição, da terra nada deveria ser lavado ao céu:

Os inocentes não cometeram nem um pecado, mas herdavam os pecados de seus pais, que herdaram de Adão e Eva, por isso, teriam que “penar” muito, antes de subir pra morar ao lado de Deus lá no céu, (Maria Eurico da Silva)<sup>11</sup>.

Segundo essa tradição, quando as crianças nasciam através de abortos espontâneos ou nasciam e em pouco tempo morriam sem o sacramento do batismo, nesses casos a salvação dessa alma era mais complexa, De acordo Cascudo (2002), eles não possuíam o pecado, porém não eram detentores de virtudes. Segundo a crença não eram elevados de imediato ao céu, permaneciam em um mundo paralelo entre o céu e a terra por sete anos, revelando suas agonias aos vivos através do choro fino, nesse caso sua viagem ao paraíso só se concretizava, após serem batizados por um vivo:

A criança quando morria sem ser batizar era pagã, não era cristão, num sabe e não era qualquer pessoa que podia batizar uma criança pagã não! Tinha que uma pessoa que fosse batizada e tivesse fé, tinha que dizer trei vez eu te batizo em nome do Pai, do filho e do espírito santo e fala o nome de José ou de Maria, poi quem tava batizando não sabia se era minino ou minina, e se não tivesse fé a pessoa se assombrava na incruziada, (Severina Cecília)<sup>12</sup>.

Sendo assim, a criança deixava de ser pagã, cessava o choro do desespero e voava para o reino dos céus, indo morar ao lado de Jesus Cristo. Esse entendimento fazia e ainda faz parte entre essas pessoas mais idosas dessas comunidades interioranas e nos subúrbios das cidades, principalmente no que diz respeito à tradição oral.

---

<sup>11</sup> Narrativas de Maria Eurico da Silva. 78 anos. Agricultora. Entrevista realizada em Janeiro de 2017.

<sup>12</sup> Narrativas de Severina Cecília de Oliveira. 76 anos. Agricultora. Entrevista realizada em Novembro de 2016.

Nessas narrações encontramos ainda comparações entre as descrições de Cascudo (2002), havendo comparações que não existiam visagem ou assombros com a morte ou o choro da criança que havia partido do mundo terreno, convergia para um entendimento da aura de ingenuidade ou inocência que recobria a alma infantil, o lugar de sua devida sepultura. Rotineiramente se atuava alguma complacência com o universo da tradição Cristã, dessa forma, evidenciavam um dos mais fortes simbolismos do cristianismo, as encruzilhadas ou as margens das dos caminhos nas zonas rurais, eram vistos como espaços propícios para os sepultamentos de crianças que segundo suas tradições religiosas, não poderiam ocupar solos sagrados (cemitério), segundo esse entendimento, estariam condenados ao sofrimento eterno: seus “anjinhos”, eles não estariam protegidos pelo sagrado.

Diante dessa ideia e seguindo esses fundamentos embasados na fé cristã, foram constituídos esses imaginários populares a buscar por algo que lhe servissem de referência material no mundo terreno, e sendo assim, rememorasse o simbolismo cristão ou ainda sua proteção, “*antes dizia que pagão não poderia se enterrado no cemitério por que era pecado, disso eu me lembro, tinha que ser levado pra encruzilhada*”, disse dona Severina Cecília de Oliveira. Diante dessas narrativas a Senhora Maria Eurico, também fez menção, a esses significados:

A incruziada é sagrada, ela representa a cruz que Jesus Cristo foi motro e ali ele sofreu muito, pois o minino sem batrisimo tem que ser interrado ali, hoje é que não pode mai. Di primeiro murria muitos mininos, as mãe já sabia que quando não batrizava era pecado levar pro cimitéro, nu tinha dotor, quem fazia os patro era as patrera, também tinha muitas duenças que matava as criancinhas novas, as muié chamava de mal do minino novo,,, quem tinha dinheiro chamava o pade e quem não tinha chamava a rezadeira (Maria Eurico)<sup>13</sup>.

Na tradição popular a ausência do batismo representa não ser cristão, dessa forma, podemos afirmar que não poderiam ser considerados como *gente*, e, por consequência não estariam protegidos pelo sagrado. A ausência de “registro” o que por via de dúvida significa o batismo. Desta forma observamos então que no imaginário interiorano seguia-se, ainda, uma tradição antigüíssima sobre os critérios sócio-religiosos na cultura funerária estabelecendo os limites entre o sagrado e profano, cristão e não cristão, havendo uma clara definição entre esse

<sup>13</sup> Narrativas de Maria Eurico da Silva. 78 anos. Agricultora. Entrevista realizada em Janeiro de 2017.

entendimento, de acordo com Galeno (1968), tal construção resultou da formação religiosa da tradição católica um papel de relevância nesse entendimento. E por consequência dessa tradição busca-se algum indício sobre natural ou miraculoso, através das promessas feitas pelas mães as suas crianças falecidas.

Segundo Reis (1997), na cultura funerária do Brasil do século XIX e XX, ter um anjinho na família representava um indício de que no mundo dos mortos existiam entidades que estabeleciam sua proteção, pois desse lugar velaria pelos pais na vida e na morte (Reis, 1997,p.112).

Diante desses aspectos a identificação da família e a dissociação entre o lugar dos pagãos, a encruzilhada e o espaço para o batismo. Segundo Cascudo (2002), “as narrativas observa-se os modos e reflexões de estudioso sobre o tema, encontrando-se um suporte explicativo: a interação ou não da criança com a materialidade do mundo terreno”.

Portando, a criança não batizada passou a receber segundo essa tradição, um entendimento de essência, como “anjinho”. Nesse processo o “anjinho” que também poderia ser pagão, passando a ser identificado como cristão não apenas a partir do batismo, mas pelo próprio fato de ser uma morte infantil, um inocente.

Segundo Reis (1997), morrer quando criança não era tão penoso quando comparado à morte de outrem com muitos anos já vividos.

Nessa postura, o recém nascido que morre sofre menos na terra e sua carga de pecado não é tão relevante para seu julgamento final, sendo assim, voava direto ao céu, e portanto esse curto espaço de tempo na terra facilitando sua trajetória durante o percurso no plano celeste.

Na quela incruziada já se enterraram muitos mininos pagão, eu me alembro desde os anos sessenta, quando eu ainda era novo, hoje o povo interra no cimitério, ante não podia, poi, era pecado interrar os mininos sem ser batrizado no cimitério, a criança sofria muito ante de chegar ao céu (João Emídio)<sup>14</sup>

Diante deste cenário social revelado através da tradição oral, observa-se um conhecimento sobre um determinado assunto evidentemente relacionada ao fato de ela permitir o conhecimento de experiências e modos de vidas de diferentes grupos sociais.

---

<sup>14</sup>Narrativa do Senhor João Emídio, 79 anos. Agricultor. Entrevista realizada em Novembro/2016.

Segundo essa tradição aqui descrita, as crianças que recebiam o sacramento do batismo em vida, estes estavam aptos a entrarem no reino do céu direto, ao contrário dos que não recebiam o sacramento. Pois bem, o limbo (como afirmamos anteriormente) era o plano intermediário entre a terra e céu, para quem se encontrava nesse plano o tempo era inexistente, mas para os vivos esta espera era de sete anos, segundo o imaginário popular, ou menos dependendo de uma alma caridosa que se comprometesse alibertar esse ser para continuar sua viagem, através de seu batismo o que foi relatado anteriormente, segundo dona Severina Cecília:

Se um home ou uma mué de fé não batizasse aquele minino em sete ano, ele ficava no puigatório, só a bondade de Jesus prá ele sair de lá e muita reza dos pais e das madrinhas, pois mesmo a criança nascendo motra ela tinha que ter os padrinho (Severina Cecília de Oliveira)<sup>15</sup>

O respeito a esse sagrado movia todos os seus sentimentos, ações e sofrimentos, servindo-lhes de alentos às situações diversas até mesmo com o lidar com a morte. Talvez esses conhecimentos tenham ao longo de muito tempo ter sofrido muitas alterações, o importante é ver como ainda permanecem cercados de mistérios e temores desse imaginário, que vieram dos antepassados ibéricos misturando fragmentos das culturas fúnebres indígenas e africanas e que até hoje perdura através do tempo, sendo mantida através oralidade e a tradição popular.

O que para época desse recorte temporal, já existiam cemitérios datados de 1928, próximo a essas localidades, nos comprovam atitudes sociais singulares para com os mortos precocemente sem o dever do sagrado e ao mesmo tempo demonstra uma continuidade cultural na condução desses ritos. Não apenas para as crianças mortas precocemente, mais também para os adultos, as quais se seguiam todo os trames ritualísticos para com a boa passagem da alma do defunto, sem sofrimentos, sendo essas superstições modela alguns costumes a partir da relação de coisas e objetos presentes no cotidiano como as crenças populares.

Por isso, percebemos que ela faz parte da construção social humana e de significados que mudam de acordo com tempo e com o espaço, desta forma

---

<sup>15</sup> Narrativas de Severina Cecília de Oliveira. 76 anos. Agricultora. Entrevista realizada em Novembro de 2016.

devemos compreender que em muitas vezes sofrem alterações lentas por não acompanhar as mudanças estruturais da sociedade, ela permanece nesse imaginário popular, sendo revelado timidamente alguns resquícios em forma de fragmentos o que a mantém latente, fazendo parte da construção humana que envolve uma perspectiva do processo histórico.

Dessa forma, podemos observar através de várias narrativas uma ressignificação da fé cristã e seu sincretismo religioso existindo dentro deste universo de fé e respeito ao sagrado uma espécie de núcleo próprio, para cada narrador, vista que dentro deste universo guardam-se formas de valores e sentidos que divergem uns dos outros, mas, ambas consideram um ponto em comum, que Deus é o criador e sustentador da vida no mundo, através de seus espíritos e Santos, resumindo-se tudo a esse conceito, funcionando como alento às suas diversas necessidades.

Reconhecer que essa religiosidade do povo é um produto produzido historicamente de sincretismo tendo como base a religião católica, junto à outras culturas que lhes corresponde, seguem formulando experiências espirituais muito abrangentes de cunho místico e com uma exuberância de ritos.

Diante de um quadro social, onde a influência católica predominava e tudo teria que ser recorrido ao conhecimento e experiências dos mais velhos, as práticas relatadas sobre os processos fúnebres que são citados na tradição oral e os estudos relativos à morte e aos cortejos fúnebres de crianças no Brasil dos séculos XIX e XX, como ressaltam João José Reis (1997, representavam pesares amenos na consciência e nos braços dos vivos. Desse modo, seus funerais não eram permeados de lágrimas, pois como já revela Cascudo (2002), não se deveria chorar pelas almas das crianças.

Segundo a fé católica a morte não é o fim e sim o início de uma nova etapa em outro plano espiritual. As primeiras providências era preparar o defunto para o velório e tratar do funeral, o cuidado com o cadáver era da maior importância, uma das garantias de que a alma não ficaria por aqui pensando. Sob pena de o cadáver enrijecer, dificultando a tarefa. Os nagôs acreditavam que a falta dessa cerimônia impedia o morto de encontrar seus ancestrais tornando-se um espírito errante, tal como os iorubas, o defunto devia estar limpo, bonito e cheiroso para o velório, esse último encontro com parentes e amigos vivos (Reis, 1997, p. 114).

Segundo essa afirmação acerca dos ritos envolvidos na preparação de um adulto antes do sepultamento observe as seguintes narrativas do senhor João Emídio:

Da mesma forma que os adultos tinham que estar em paz antes de morrer, não podendo ter intrigados, não ter dívidas com ninguém, pediar alguém que fez mal, por se nada disso acontecesse a alma dele voltava pra atentar a família e pedir missas pra sua alma, e mesmo de pois dele ter enterrado se a família esquecesse um anel no dedo ou qualquer objeto de valor ele também voltava pra assombrar os vivos (João Emídio)<sup>16</sup>.

Por tanto, o arrependimento de seus erros em vida, somado as suas virtudes era crucial para seu julgamento final. Diante deste dilema acerca da salvação das almas adultas, com as almas das crianças esses cuidados não era diferente. Tudo estava aos olhos de Deus, nada pode ser omitido perante ele, segundo esses populares, o que até mesmo para as crianças sem o divino sacramento do batismo, os pais experimentam uma grande dor e um sentimento de culpa quando não tem a certeza moral da salvação de seus filhos.

Desta forma, resta, apenas, aceitar essa compreensão e buscar o conforto através da devoção, tentando ponderar seus sofrimentos, e fazendo de seus descendentes uma forma de intervenção entre este plano terrestre com o plano celestial, por meio da fé intermediada pelas orações e promessas aos seus mensageiros célicos. Algumas das ações que os pais deveriam realizar para auxiliar as almas das crianças foram relatadas pelos entrevistados:

Quando uma criança nascia mesma que motra, ela tinha que ter padrinho e madrinha e ganhar um nome de santo, podia ser José, Antonho ou Maria, pois seria mió pra ela se salvar do purgatório... se o pagão fosse enterrado no cemitério os pais cometiam um grande pecado, e a criança poderia até não sair do purgatório, viver para sempre sofrendo (Severina Cecília).<sup>17</sup>

Observamos que os cuidados em resguardar tudo, até mesmo, a vida após a morte estava diretamente atrelada a uma proteção celestial, sendo assim, a forma de gratidão ou manter esse vínculo entre o mundo terreno e o céu, criando-se assim uma conectividade entre o protegido e seu protetor.

Percebemos que no cotidiano dos homens e mulheres pobres do campo, o trabalho manual e as crenças religiosas obrigam preservar um espaço privado para

---

<sup>16</sup> Narrativa do Senhor João Emídio, 79 anos. Agricultor. Entrevista realizada em Novembro/2016

<sup>17</sup> Narrativa de Severina Cecília de Oliveira. 75 anos. Agricultora. Entrevista realizada em novembro 2016.



a fé, pois essa mesma fé resguarda o dever de proteger tanto o materialismo como o animismo, possuindo uma visão cíclica da existência que remonta à vida rural e interpreta as coisas pelos ciclos da natureza, tornando-os práticos e ao mesmo tempo realistas, sabendo até onde podem agir, mas ao mesmo tempo recorrem a forças superiores, seus santos protetores que os intercedem junto à Deus.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por tudo isso, identificamos um cenário social marcado pelas memórias sobre os ritos fúnebres infantis e os lugares adequados para os enterramentos dos pagãos, crianças mortas sem o sacramento católico do batismo. Nas circunstâncias do tempo presente, as atitudes perante a morte infantil evidenciaram conflitos entre as autoridades eclesiásticas, proprietários de terras, autoridades policiais e os demais moradores que circundam os cemitérios pagãos.

Tal cenário elucida as tensões que recobrem esse sentimento, por um lado, a ilegalidade dos enterros em locais sem registros e sem o controle público ou religioso, por outro lado existindo a força da tradição dos fiéis, que contrariando as legislações atuais, ainda às praticam dando continuidade à devoção aos seus filhos, netos e sobrinho sepultados no espaço da encruzilhada. Nessa paisagem fúnebre, os homens (devotos) aprendem a inventar os seus “anjinhos”.

Diante deste cenário aos doze anos em uma viagem ao Sítio Imaculada me deparei com um cortejo de uma criança, as mulheres rezando e uns poucos homens, entre um deles estava com o caixãozinho na cabeça e questionei meu pai sobre onde seria enterrado aquele corpo, tendo como resposta o seguinte, no cemitério, pois na encruzilhada não pode mais enterrar criança pagã é crime, segundo o Senhor João Emídio, em seus relatos afirma que as autoridades não conseguem entender o por que se enterrava as crianças pagãs nas encruzilhadas, segundo ele era por que não registrava como é feito hoje nos hospitais, quando

acriança nasce mesmo que seja morta, ela tem que ser registrada, deixando de ser indigente.

Segundo os relatos do responsável pela paróquia do Município de Riachão do Poço esses costumes estavam ligados a uma tradição antiga e que a própria Igreja Católica de hoje, já entende que todos os seres vivos são a imagem e a semelhança de Deus, sem distinção de cor, raça o credo, mais que em tempos remotos haviam grandes debates sobre a salvação de crianças sem o sacramento do batismo, dando a esses casos um entendimento diferenciado no campo da fé e da salvação, mais que também, ela não conseguiu doutrinar dentro de um conhecimento católico a todos e por isso formou-se essa ressignificação da interpretação da fé por populares principalmente nos interiores do Nordeste, e que até hoje há registro policiais dessa prática em nome da fé na salvação de crianças que não foram batizadas em vida.

Por fim, compreendemos que no mundo rural, material e imagético que circundava os sepultamentos de crianças nas encruzilhadas assumiram uma forma de representatividade afetiva entre os narradores, de mostrando sensibilidades estabelecidas nesse neste imaginário que recobre o mundo dos vivos e as relações entre os anjinhos e suas proteções no mundo celeste.

Percebemos que a diferente de outros casos nos quais a criança era sepultada em cruzamentos de caminhos nas zonas rurais e até mesmo em outros locais, representava em seus entendimentos significados carregado de um simbolismo, portando ganhavam uma forma benzida, dedicada exclusivamente aos anjinhos pagãos.

Tudo isso revela uma experiência social de inestimável valor, muito particular da memória social que construiu um cemitério específico para crianças pagãs em um encontro de dois caminhos que nos entendimento, representa um tormento vivido por um homem em seus últimos instante de vidas no calvário, desse entrelaçamento de significados, tornou-se um suporte exterior das memórias, de igual modo, transformou-se em um dos esteios das praticas devotiva em um suporte de ser no mundo.

## ABSTRACT

### REFLECTIONS ON THE ENROLLMENT OF CHILDREN (PAGANS) IN RETAILS: oral tradition in the Municipality of Riachão do Poço-PB

The present article is a historical-descriptive reflection on a religious practice present in the municipality of Riachão do Poço-PB, the infant burials at crossroads, which from a certain moment became a specific and special place for the burial of pagan children. Was common between the years of 1960 -1985. Analyzing interviews carried out with popular knowledge holders about the practice in question, allied to the bibliographical research we perceive that the crossroads of the pagans reflect the main characteristics of the Brazilian religious practice in symbolizing the presence of syncretism and the permanence of Catholic practices related to the XIX century and throughout the 20th century. Our research was based on: ALBERTI (2011); CASCUDO (2002); REIS (1991); ARIÉS (2003).

Palavras-chave: Buried; Children; Crossroads.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. "Histórias dentro da História". In: PINSKI, Carla Bassanezi (org). **Fontes históricas**. 2ª. Ed.: São Paulo: Contexto, 2008 (p. 155-202).

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **História da Vida Privada no Brasil Império: a Corte e a modernidade nacional**. Companhia das Letras, 1997.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2001.

ANDERSON, Perry. **Passagens da antiguidade ao feudalismo**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Folclore Nacional III, ritos, saberes, linguagens, artes populares e técnicas tradicionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ARIÉS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BOSI, Ecléia. **Memórias e sociedade: lembranças dos velhos**; São Paulo; Ed. Companhia das Letras, 1994.

CASCUDO, Luiz da Câmara, **Superstição no Brasil**. São Paulo: Global, 2002.

\_\_\_\_\_. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2002.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano, a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIAS, Norbert, **A solidão dos moribundos, seguindo de envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.

GALENO, Cândida. “Ritos fúnebres no interior cearense”, In: **Antologia do folclore cearense**. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1968, 145-167.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Edição Loyola, 2005

REIS, João José. **A morte é uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1991.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O Imaginário**. Trad. Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

SITE: <https://www.significados.com.br/limbo>.

\_\_\_\_\_. Entrevistados:

João Emídio - 79 anos - Masculino – Católico – 16 de Novembro de 2016.

Severina Cecília de Oliveira – 75 anos – Católica – 25 de Novembro de 2017.

Maria Eurico da Silva – 78 anos – Católica – 20 de Janeiro de 2017.